

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua 31 de Janeiro, 165—GUIMARÃES

Pevidem

Impõem-se à consideração de quem quer que esteja gerindo os negócios municipais os interesses desta povoação que, pela riqueza da sua indústria, constitui um dos mais fortes, se não o mais forte, elemento de progresso deste concelho.

O Pevidem é um centro importantíssimo de trabalho, é a povoação que mais produz, é a maior capacidade tributária de Guimarães. A Câmara Municipal deve sempre não o esquecer.

Nunca as diferentes vereações que tem passado pelo Município deixaram de procurar atender, tanto quanto possível, dentro das disponibilidades do orçamento municipal, as justas reclamações da população de tão importante parcela do nosso concelho.

Fosse qual fosse o matiz político das pessoas a cujo cargo estivesse a administração municipal, sempre o Pevidem era levado em conta na distribuição dos réditos do concelho, tendo-se em atenção as necessidades que lhe proveem do seu extraordinário desenvolvimento fabril.

A vereação dissolvida, bem como a anterior, sempre assim o entenderam e nunca deixaram de dar ao Pevidem, não quanto êle merece, porque o não permitem tantas outras necessidades a prover, mas o maximo que se podia retirar das respectivas verbas orçamentais.

Outra orientação tem tomado, e bem diferente a Comissão, Administrativa que nos está tutelando, vai para seis meses. O Pevidem nunca mais foi lembrado. Ha mil e um projectos de reparações e melhoramentos de caminhos, fazem-se arrematações constantes e trabalha, dia e noite, o apontador municipal para dar satisfação ás exigencias da presidencia, que não tem mãos a medir na tarefa incessante de atender os numerosos amigos que quer, por esta forma, atrelar ao partido político que representa.

Não se esquece mesmo a illustre presidencia de que tem as suas propriedades particulares, para as quais não fica mal que da Câmara saiam os oito ou nove contos necessários para que os caminhos que lhes dão acesso fiquem aplanados e amplos.

Só se não lembra de que o Pevidem existe. Pelo visto, não há esperança de que o partido nacionalista ali venha a criar raízes.

Ou antes, enganamo-nos. A Comissão Administrativa já se lembrou da existencia do Pevidem, mas só para impedir que se executasse o projecto da estrada de Serzedelo, já arrematada pela Câmara eleita.

Nada dá para o Pevidem, nem sequer deixa que o Pevidem receba aquilo que obteve, legitimamente, de uma Câmara que, com o direito e a força que lhe provinham de representar a vontade do concelho, entendeu que lhe devia dar.

Com que direito, com que fundamentos, com que justiça e autoridade se furta ao Pevidem aquilo que já pela Câmara escolhida pelo povo de Guimarães, lhe tinha sido dado, dentro da lei, dentro das normas da boa administração, dentro das disponibilidades financeiras do município, dentro do bem compreendido critério de facilitar a expansão industrial de um povo, que tem demonstrado as maiores e as melhores capacidades

de trabalho e de esplendida orientação economica?

Com que direito, com que fundamento, com que justiça e autoridade se dispersa o dinheiro que, legitimamente, já tinha sido destinado para atender a justas reclamações do Pevidem, pelos tantos projectinhos de favor que só servem para contentar este e aquele que amanhã poderá dispor de alguns votos numa eleição política ou o próprio presidente, que deseja um acesso mais cómodo para a sua propriedade?

Pode isto ser? Pode isto contentar-se?

Que o digam, serenamente, todas aquelas pessoas sensatas que, porventura, tenham contribuído para que se organisasse a actual Comissão Administrativa.

Infelizmente, tudo tem confirmado o que, ácerca da acção de uma comissão composta por tais elementos, sempre vaticinamos.

Ali não se cuida de adminis-

trar. Cuida-se de satisfazer interesses particulares de mesquinha politica. Se há lá criaturas a quem a politica é indifferente, porque a monarchia tarda em voltar, a indolencia e a indifferença delas não lhes permite intervir no constante trabalho com que, freneticamente e com receio de que lhe saiam das mãos, num momento que o instinto lhes diz próximo, os meios de que hoje dispõem, só pensam em si e nos interesses do agrupamento político a que pertencem.

O Pevidem é uma força dentro do concelho de Guimarães. Não se deixe esmagar por tais pigmeus. Fale alto e claro. Exija, ao menos, a entrega daquilo que já lhe pertence, porque já lhe foi dado pela Câmara eleita: a execução do projecto de Serzedelo.

De outra forma, continuará a pagar para que possam ser servidas as clientelasinhas de quem em tudo é pequenino e ridiculo, até, nos esgares dos seus ódios.

Com nojo

Classificamos as criaturas que nos apatecem pelo caminho como merecem, segundo o nosso critério. E quando elas estão abaixo da craveira moral que as impoñha á nossa consideração e respeito, afastamo-las da nossa discussão. Incoerentes seríamos, e muito abaixo desceríamos, se nos pusessemos a discutir com aqueles que, nestas columnas, já foram, como lhes competia, colocados naquêle nivelamento moral e social que não permite a pessoas educadas e de bem com elles terçar armas.

Não se admire pois, o publico de não nos ver daqui retorquir á porcaria com que, constantemente, nos estão a tirando, supondo que nos chegarão a atingir.

Nem a estupidez com que num mesmo artigo se digam e desdigam, nem a desfaçatez com que um número neguem aquilo que no número anterior veio escrito, nem a grosseria com que nos chamem brutos, vilões, bacorinhos, sem caracter, cães, rufias e outras coisas mais que a Censura, por dó deles, corta, nos farão vir a terceiro para com elles hombreatmos.

Tendo-os classificado como classificamos, seria igualarmo-nos a eles, dar-lhes a honra de uma resposta. Não mais a terço.

Se de entre a porcaria qualquer coisa de concreto apatecer que precise de esclarecimento ou desmentido, pegar-lhe-emos, com nojo, mas sem mecher no resto, para o devido restabelecimento da verdade dos factos.

Por hoje, apenas temos a afirmar que é falsa a afirmação que se faz de haver qualquer lei que permita á Câmara obrigar os seus serventuários a segurarem-se contra accidentes de trabalho. E a própria Comissão já o reconheceu, pondo de parte a sua deliberação ácerca de tál assunto. Efectivamente a Comissão abusou, mas quando da primeira deliberação; na segunda deliberação desfez o abuso. Assim está certo e é fácil de compreender, nenhuma culpa tendo nós de que certas criaturas o não percebam.

Dr. Afonso Costa

Ha quem diga, e abstermo-nos de indicar o motivo para que não nos chamem mais nomes feios, que este illustre membro do Directorio do Partido Republicano Português abandonou os partidos políticos, incompatibilizado com tanto desregramento, com tanta crápula, com tanta desvergonha.

Vejam lá o que aí vai! Desregramento, crápula e desvergonha.

E não vê quem escreve tais coisas, porque não pode ou porque não quer, que o sr. Dr. Afonso Costa, membro do Directorio de um Partido, não pode deixar de pertencer a esse Partido.

Afastou-se, sim, enojado, o sr. Dr. Afonso Costa, mas não dos Partidos com os quais já se prestou a governar o País, só tendo desistido por reconhecer que não os podia unir para uma plataforma minima de governo, como julgava necessário.

Afastou-se, enojado sim, mas daqueles que são contra os partidos, daqueles que pregam a sua maldição, daqueles que, muito anchos do seu republicanismo, entendem que só fora dos Partidos algum dia o Poder lhes cairá nas mãos para fazerem o que se está vendo, daqueles que o prenderam, que o quiseram matar, que o roubaram, que lhe destruíram a casa, que lhe assoalharam a vida intima, que o escorraçaram do país, que o trataram como facinora.

Foi desses que ele fugiu, enojado. Foi dos amarelos, dos independentes, daqueles que nunca se sabe onde estão nem o que querem, daqueles que pescam nas águas turvas, que não tem a coragem de uma opinião, que querem ser políticos e dizem aborrecer a politica e só de poli-

tica se ocupam, que dizem não combater ninguem mas a todos atacam, que vivem da raiva da sua impotência e da sua insignificância, que odeiam os politicos por o não saberem ser, que se escarrapacham estatelados quando os lugares publicos lhe caem nas garras, que tornaram possível o sidonismo e nos arrastaram ao 28 de Maio.

E' desses que ele fugiu. E é connosco que ele há-de voltar.

E o que dizemos dele, poderíamos affirmá-lo de muitos outros.

Água suja

Continua o povo da cidade a ser mimosiado todas as manhãs com água suja para se lavar.

Como é que o sr. commissário, das águas arranja a sujá-las é que não sabemos. O que é certo é estarmos condenados, desde que esta comissão nos favorece com a sua patriótica administração, a servirmo-nos de água suja, haja ou não seca, haja ou não chuva.

Parece que por lá se não peca pela limpeza.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA.

Estrada da Penha

Estamos no tempo próprio para se pensar na arborisação desta estrada. E' uma estrada de turismo e como tal deve ser cuidada. E' facil á Câmara obter, gratuitamente, alguns milhares de arvores das matas do Estado, para plantação.

Não deixem perder mais um ano.

Ainda as bôcas

Só por amor á verdade e não porque o assunto mereça mais discussão, vamos desfazer uma pequena embrulhada com que o «cabeça de turco» pretende defender-se da sua ignorância sobre organisação de certos projectos, para que Deus ò não fadou.

Os 400 escudos de esquecimento no projecto das bôcas de incendio da avenida nada tem com a «forma como as coisas estão, com preços variadissimos de casa para casa». Isso seria com o empreiteiro e nada nos importaria. Não: parece-nos que fomos claros: ao «cabeça de turco» é que não convem compreender. Os 400 escudos, que esqueceram, são de material que não foi incluído no projecto e sem o qual a sua execução seria impossível.

E, a propósito, devemos declarar que nenhum desejo temos de achincalhar o chefe da Repartição das Obras, como diz o «cabeça de turco».

O P. R. P. tem responsabilidades na colocação desse funcionario ao serviço da Câmara e nós não lhe negamos competencia nos assuntos em que, realmente, a tem.

Discutir os seus actos como funcionario e deles discordar, apontar os erros e as deficiencias, os desmazelos da Repartição das Obras, não é achincalhar, é usar de um direito de critica de que não abdicamos.

Assinar os jornais do nosso Partido é dever de todo o bom correligionário; não assinar nem por qualquer forma auxiliar a imprensa que o combate ou procura ferir as suas figuras representativas, é obrigação que a todos compete. Exige-o a coerência e a legitima defesa.

Partido Republicano Português

São, por esta forma, avisados todos os cidadãos filiados no Partido Republicano Português e do-miciliados neste concelho, de que a eleição da Comissão Municipal e Comissões Paroquiais que terão de funcionar no bienio de 1927 e 1928, se realizará no dia 2 de Janeiro próximo, pelas 10 horas, na sede do Centro Republicano de Guimarães.

Guimarães, 18 de Dezembro de 1926.

O Presidente da Comissão Municipal,
Mariano Felgueiras,

Um gatuno em serviço oficial

Noticiam os jornais:

«Foi hoje preso em flagrante no carro electrico de Campolide, quando tentava roubar a corrente e o relógio a um passageiro, o gatuno Albano da Costa, a quem foram apreendidos 3 cartões de identidade: um de informador da Policia Especial do Ministerio da Guerra, outro de sócio n.º 13495 das Juventudes Monarquicas Conservadoras (Nucleo Regional de Lisboa) e outro da Confederação Geral do Trabalho, passado em 14 de Dezembro de 1924, com o registo de confederado n.º 1899.

Entre os papeis apreendidos figuram apontamentos em que o Albano dá conta de um atentado frustrado contra o sr. Raul Esteves e de conversas que o sr. Cunha Leal tem tido com varios individuos.»

Boa camaradagem para os agentes de ligação e jovens monarchicos desta cidade.

Festa da Família

Com suas ex.^{mas} familias, vieram passar o Natal a Guimarães os nossos prezados amigos e valorosos correligionarios, snrs.: Delfim Guimarães, José de Freitas Soares, Antonio Pereira, Alvaro da Silva Penafort e Gaspar Ferreira Paul.

Dr. Soares de Oliveira

A seu pedido, foi exonerado de reitor do Liceu Central de Martins Sarmento, este nosso prezado amigo, illustre professor do mesmo Liceu e que ha anos vinha exercendo aquele cargo com superior criterio e a geral contento de todos os seus colegas.

Licença de uso e porte de armas

Pelo ministerio do Interior foi publicada uma portaria mandando que, a partir de 1 de Janeiro de 1927, as licenças para uso e porte de armas de defesa, só possam ser passadas por periodos de 3 meses, não sendo validas as passadas por periodos superiores.

São excluidas, neste diploma, as armas destinadas exclusivamente ao exercicio de caça.

Expediente

Estamos procedendo á cobrança do primeiro semestre da presente fase de "A Velha Guarda", a qual principiou com o n.º 146 e termina com o n.º 171.

A fim de evitar devoluções de recibos, que nos ocasionam grandes despesas, esperamos dos nossos prezados assinantes a fineza do pagamento do recibo logo que este lhes seja apresentado.

"A Velha Guarda,"

Compram-se na administração deste jornal os n.ºs 90, 93, 125, 126, 128, 130, 144 e 145 de "A Velha Guarda,".

Logo se vê na aragem...

Li agora mesmo aquela sabrosa prosa do lidimo escritor A. G. que, por descargo, a publicou em o último número de «A Razão». A epigrafe não importa... um proverbio banal: *Pelo dedo se conhece...*

Entretanto o sr. A. G. teve as suas dúvidas a respeito do dedo do gigante; porque foi ao Registo Civil procurar nos seus arquivos o nome de Hermes Bacelar. Olhe que maçada! Sem uma nota de paróquia do nascimento nem a data do mesmo! Que arrelia! Enfim, o sr. A. G. foi na peugada dum minúscula gotasinha de sangue perdida no oceano. Bem caros lhe haviam de ficar as buscas; e demoradas foram elas. Só assim se explica a atrozada resposta que me deu. E afinal nada esclarece que, segundo me diz, continuo incognito. Eu não me dei ao trabalho de ir ao Registo procura-lo; sei que não o encontraria lá porque simplesmente A. G. não é nome de gente. Ainda assim conheço pela aragem quem vem na carruagem.

E o sr. também sofreu curiosas metamorfoses.

Por favor não me rebusque entre os nomes dos illustres (é muito dado a lustros o sr. A. G.) ornamentos desta cidade que é, como aliás o afirma, tempo perdido. Sou modesto, muito modesto, e apraz-me a sincera humildade do manto que me cobre. Lá que o sr. aprecie a eficacia da altitude social está certo; por mim, sinto-me bem neste ambiente.

Procure-me cá por baixo que talvez me encontre. Repare, meu illustre confidente, que Hermes Bacelar nunca confundiu Quartéis com cavalariças nem teve incumbencia de pessoa alguma. E' o sr. precisamente que está revelando confusão. Não inverte por decore e decencia do jornal em que colabora. E, já agora, si vai uma explicação: — para o Quartel bastava — sabemo-lo de fonte limpa — o velho edificio que o mesmo actualmente ocupa. Mas havia uma diferença; as muarres careciam de agasalho. Lembraram-se então da E. I. que era suficientemente espaçosa para acumular as duas coisas. Esta é uma verdade. Se um número atrozado da «Velha Guarda» só falava em cavalariças é natural que o resto fôsse subentendido. Nem se entendia que o Quartel distasse tanto das respectivas cavalariças. Pois não acha, sr. A. G.? Não bula mais neste ponto frágil que se estende. Seria para si fraca táboa de salvação. Quanto a incumbencias...

Ora, medite um pouco, recorde-se daquele sopro familiar, daquela doce exortação. Não lhe vem á memória? Nada lhe afflora á imaginação? Eu o ajudo: aquella montanha prenhe de impressões que, entregue aos seus cuidados, apenas pôde dar á luz um diminuto ratinho de inestética apparencia. Não se recorda ainda? Ouça então: eu não recebo encomendas. Nem tenho espiritos de orheia. O que faço, o que escrevo, é voluntariamente e dita-mo a consciencia. O que escrevo não desminto: protejo dos extráviros rotineiros; defendo dos dislates que pretendam infundir-lhe; resguardo das baléas que lhes arremessam. E foi sempre odioso a meus olhos o processo desleal, incoerente, de que certos jornalistas se valem para amesquinhar os outros. Não, em mim encontrará sempre um peito largo para receber-lhe as flechas. Nada me pediram, de nada me incubiram as pessoas aludidas. O seu informador foi muito infeliz e o gracejo, bem frisado, foi de mau gosto. Se quer, explique-se melhor; e daqui, dar-lhe-

hei a explicação completa. As considerações vão depois.

Demais, sinto um prazer inaudito ao lutar pela verdade.

A verdade! Entenda-lhe o significado. Isto não é prosápia nem pêso. E' uma maneira de expôr.

O sr. tem um estômago modesto? Não se arreceia da lei das incompatibilidades? Reflita bem. O seu estômago, ou é do feitio dos outros ou a sciencia classificá-lo-ha de abôrto. *As incompatibilidades...*

Torre a lér a «Velha Guarda» no artigo que analisa para me poupar o descôco de repisar um pequenino nada que o sr. não compreendeu. Nem fale em ser professor da E. I. sem concurso.

Mas... já entrou em concursos, sr. A. G.? Sabe o que isso é? Que ideia faz o sr. dessa coisa? Há de fazer-me uma prelecção jornalística sobre o assunto. Não fale em portas travessas servindo-se dos serviços politicos. Olhe que é teoria sem miolo nesta safara planicie de indeferentes. Depois, tenho ainda presente na cachimónia a história daquele filósofo ardente que tanta moral pregou vindo a sujar finalmente a moralidade. Não mexa nisso. Porque ainda lendo o seu artigo, o que naturalmente se depreende é animosidade espicaçada. Pergunte-o a um analista crítico. O sr. A. G. tem o dom pouco lisongeiro de negar o que rasteiramente se nos mostra. Eu não sou analista; sou menos, muito menos do que isso. No entanto, também não sou lortpa para não compreender coisa tão fácil.

A Escola Industrial de Guimarães é como qualquer outra do País — disse-o eu num passado artigo. Obriga algum processo de melhorá-la? Comuniquem-o ao Governo que é da sua competencia o estado actual das Escolas Técnicas. Desenvolvidas ou não dêle dependem. Ponha todo o zelo e outros elementos de valor ao seu serviço que por cá se vai trabalhando sem reclamos ostentosos. Faça daí o que poder...

Mas — ouça lá sr. A. G. — não mande pascar essa gentinha.

Veja lá que caricato não havia de ser o ver tanto leitor a olhar para o maquioidismo velha, ferrugento e desconjuntado!... O sr. bem sabe que não é coisa que suba. Não olhe também.

Para defesa duma Escola tôda a ocasião é boa. E olhe que o edificio desta de que se trata está-lhe que nem uma luva. Não é obra demasiadamente grande para tão pouca obra...! Que paradoxo! A. G. dá-me a ideia destes remendeiros de aldeia que para concertar um santo vão alagar outro, ficando por obra uma respeitavel portaria. Demais a mais se é pequena a obra contida naquele colosso, que diríamos depois da troca pretendida. Seria peor a emenda que o soneto. Pequenês por pequenês aqua a pequenês; que apesar de pequena sempre é maior que a outra pequenês. Ou não será, sr. A. G.?

Atire argumentos daí, que por cá ainda temos alguns de reserva. *Quarenta anos!* exclama o meu illustre confidente olhando o maquinismo...

Repertorios, oculos e lunetas! Quem compra calendarios e a história da Gata Borradeira?!

...Quarenta anos!...

Horrível crime praticado na Sibéria...

...Quarenta anos!...

Olha o Sherlock-Holmes e o Raffles á procura do homem misterioso.

...Quarenta anos!... Quem as quer quentinbas?

Como sabe, sr. A. G., a culpa é dos Governos que bastante se desleixam no cuidado das Escolas Técnicas. Entretanto, indique as boas, as perfeitas que em Portugal existem — perfeitas a seu ver, porque utilissimas são elas todas na minha humilde opinião. Por mais que me diga, a nossa E. I. é sempre a mesma. Este nome adapta-se-lhe. Pois que nome havia de ter?

Creia que é da frequencia que ela tem muito a esperar; não só de operários, mas até — como lhe hei dito já — daqueles palradores que muito falam em temodelações profundas. E acredite que vai crescendo a dita frequencia mais do que o que lhe parece. Os alunos não são como afirma — desta vez não insinua — os poucos numerosos alunos que frequentam (sic). Ora bolas, sr. A. G.! Deite a culpa ás gralhas. Eu acredito.

A E. I. precisa apenas para justificar o seu nome que... não o pergunte aos industriais nem comerciantes... pergunte-o aos Governos.

Inqueritosinhos? Fala a sério? Não fui nomeado para tal serviço. Mas se quizer, faça um que eu farei outro. Tem piada; e também tem muita da dita de cuja e qual estamos tratando, aquela dança dos D D grandes com os d d pequenos. O sr. A. G. sempre arranja cada sarrabulho. Se não compreendeu, compreendesse. A que vem aqui o atestado de republicianismo? O sr. não é administrador do conchelo.

Mas se fosse... mandava-lhe doitar as letras da sua estátua. Sim, pode ser modelada na E. I. Mas é necessária a copia do modelo. Precisa de identificar-se. A. G. lendo o seu artigo — sem ofensa — até um quarto mais ou menos de distancia da sua assinatura, verificou estar num tom de educação muito superior ao inserto na «Velha».

Quem seria essa ovelha rabugenta que tinha artigo inserto em tons inferiores? Qualquer senhora histérica ciosa da sua origem plebeia!...

Ora analisando os tons educativos, o sr. A. G. leva palmada. Porque — aprender meia dúzia de larachas, Químicas e Fisicas rançosas, duas tretas de francês, o português dos contos fantásticos, desenhos mecânicos mal esboçados, etc... é educação pouco toante, não falando nas agulhoadas nada certas dirigidas ao professorado. Mas verificou...

Não verificou coisa alguma. Alguem julgou verificar comunicando-lhe a pseudo-verificação. E, desta feita, o sr. descuidou-se revelando a descoberta. Porque se pensasse um nadinha, havia de lembrar-se daquele ditado: *gaba-te cêsta, que amanhã vais á vindima* — o que é um razoavel seguro contra imprevistos educativos desta natureza.

Iludiram-no. Nem daria á luz a sua educação em tom superior; e — diz o sr. vestindo á pitoresca ideia uma frase estilística não menos toante — *publicado não seria se irritação não me causasse a leitura deste*. Este é o artigoelho de Hermes, que o irritou. Espicaçou-lhe também a animosidade; e mais não foi feito por um patriota da Sérvia. Não se arreceia de viajar? Até gosta?

Está como eu. As viagens distraem, dão saude ao espirito. De resto, não espera viajar tão cedo, salvo quando se verificar uma hipótese que não se dará. Se a hipótese se não dará jamais,

A ceia da consoada em S. Crispim

Este grandioso acto de caridade, levado a efeito com todo o esplendor, no dia 24, por iniciativa dos snrs. José Antonio Mendes Ribeiro, João Ribeiro Dias Junior, Carlos Abreu, José Caetano Pereira e Francisco Ribeiro de Castro, com o valioso auxilio de muitos corações bemfazejos, teve uma assistência numerosa e distinta.

Numa das dependencias do Albergue de S. Crispim, adornada graciosamente pelos armadores snrs. Eugénio e iluminada gratuitamente pelos snrs. Jordão & Filhos, se realiso ua ceia da consoada, instituição beneficente tão digna dos louvores e, das sympathias de todos os vimaranenses.

O total das rações distribuidas foi de 804, sendo 476, no Albergue, e 328 para familias envergonhadas.

Na forma dos anos anteriores, comparecemos ali e na verdade, ficamos bem impressionados pela abundancia das rações servidas aos pobresinhos por um grupo de senhoras e por todos os membros da commissão.

Além de alguns donativos, foi recebida, uma lata de rebuçados, que foram distribuidos pelos contemplados.

Os pobres do Albergue de Santa Margarida e os presos da Cadeia Civil, também tiveram o mesmo beneficio.

Louvores á Comissão e a todos os que, com os seus donativos, contribuíram para tão simpatico fim.

tambem não pode ser verificada em tempo algum. Já vê que essa escrita é mais um passatempo — um digo por dizer — do que uma resposta séria.

Diz o meu confidente que não pega o vigário dum Quartel novo. A transformação da Escola no dito também não cola. Quanto ao resto, entende-se.

Resumindo, não respondeu como devia a um artigo que — pode ler-se — não continha insultos mal disfarçados. Isso é uma triste desculpa. Foi muito infeliz na escolha de alvo, sr. A. G. Compreendo-lhe a intenção, aliás bem pouco lisongeira para si. Que tinham os professores que ver com os artigos de Hermes Bacelar? Que tinha o sr. com um artigo sem ataque definido? A que propósito vem todo esse aranzel do ultimo artigo seu? Para que tanto insulto a pessoas que nada lhe fizeram? Resposta?

Não rebaxe as colunas de um jornal. Não considere tão infame a pena dum jornalista. E veja que diferença entre nós: o sr. responde a Hermes Bacelar insultando os professores da E. I. E este «tudo-que-V.-queira» defende-se sem ofender a entidade á que o sr. pertence. Já é ser condescendente. Demais a mais não tem ela culpa da mediocridade do defensor.

Compreendo-lhe a intenção. Nada conseguem. E venha que encontra sempre aberta a minha porta. Ouça daí e digo daqui. Assim nos havemos de entender. Só lhe rogo que não inverta nem estropie a linha desta polémicasita. Porque me dá o trabalho de o chamar a bom caminho. E oxalá que faça uma pequena ideia mais exacta das normas da educação.

Disse.

HERMES BACELAR.

Vinhos de consumo

Das melhores procedências do Sul e Douro, vendem Jordão, Rocha & C., Suc.ª.

Largo 1.º de Maio.